

RUA DO BENFORMOSO 168/186 (LISBOA – MOURARIA/ INTENDENTE)

ENTRE A NOVA E A VELHA CIDADE, ASPECTOS
DA SUA EVOLUÇÃO URBANÍSTICA

ANTÓNIO MARQUES Arqueólogo, Museu da Cidade (CML)

EVA LEITÃO Geóloga, Museu da Cidade (CML)

PAULO BOTELHO Arqueólogo, AES Arqueologia, Lda.

RESUMO Publicam-se os resultados da intervenção arqueológica realizada em 2004 e 2006/2007. Estes trabalhos permitiram a detecção de uma pedreira de exploração de calcários, à qual se sobrepôs um caqueiro onde se acumulou material cerâmico resultante da produção oleira da zona, durante os séculos XV / XVI, no espaço da encosta. Junto à Rua do Benfornoso detetaram-se estruturas relacionáveis com uma oficina de olaria, sobre as quais, entre os séculos XVII e XVIII, terá funcionado uma pequena oficina metalúrgica.

PALAVRAS-CHAVE Pedreira, caqueiro, amassador, olaria e oficina de metalurgia

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

A presente intervenção arqueológica decorreu de uma solicitação da EPUL ao Museu da Cidade (C.M.Lisboa), no âmbito da implementação de um projecto de construção de um novo edifício habitacional, num espaço então ocupado de forma improvisada, correspondente a três antigos edifícios mistos de habitação e comércio¹, demolidos em 1958.

Com efeito, na década de 70 do século XX, foi construído um barracão em alvenaria de cimento e betão que ocupou sensivelmente 2/3 da frente de rua, onde funcionou o armazém de uma agência funerária (*Lisbonense*), cuja parede tardoz em betão armado, serviu de muralha de contenção da encosta, em substituição da primitiva que havia sido imprudentemente demolida. Na restante frente de rua o espaço foi ocupado por uma pequena oficina improvisada, de tratamento de mármore e lapidaria, de que subsistiam apenas pavimentos e uma parede feita com bastantes elementos arquitectónicos reaproveitados, com ligante de cimento.

Este espaço, na vertente ocidental do monte da Graça, corresponde a uma área de expansão urbana de Lisboa ainda em período medieval, decorrente da criação da Mouraria logo após 1147, mais concretamente com o

foral concedido à comunidade moura em 1170 (Oliveira e Viana, 1993, p. 191), ao que certamente não foi alheia a existência de um dos eixos viários mais antigos de serventia à cidade que remontará ao período romano. Durante a Baixa Idade Média e parte da Época Moderna, a zona do Intendente foi perdendo o seu carácter rural periurbano, integrando-se na malha da cidade, como um importante pólo “industrial” com especial vocação para a produção cerâmica, desde o século XIV até ao século XXI.

A documentação mais antiga que se refere a este espaço remonta ao século XIII, procedendo dos cartórios de Santos e de S. Vicente, possuidores de alguns bens de carácter agrícola, na antiga Rua de Benfca da Mouraria que corresponde à actual Rua do Benfornoso (Barros, 1999, p. 28), em cujo extremo Sul, em 1465 está documentada uma das portas da Mouraria (Oliveira e Viana, 1993, p. 192), colocando a área ora intervencionada fora do núcleo urbano primitivo daquele bairro islâmico de Lisboa. São contudo do final do século XIV as primeiras referências ao arrabalde “onde chamam Benfca”, “onde vendem as olas” ou “estão as tendas dos mouros”, mas só em documentação do século XV se utiliza a denominação rua de Benfca ou “rua onde vendem a Louça” (Barros, 1999, p. 29), o que além de denotar a existência de um espaço vocacionado para a transacção deste produto na parte baixa, junto à denominada

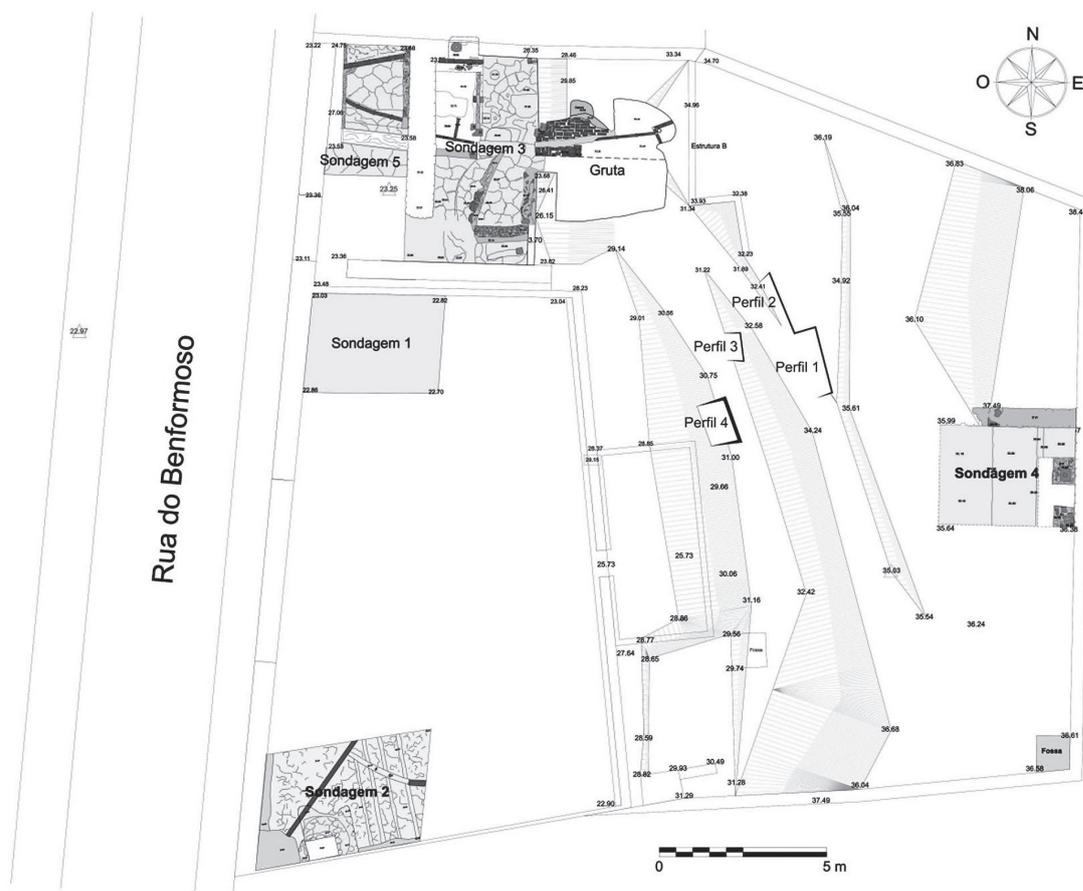
1. N.ºs 168 a 174, 176 a 180 e 182 a 186.

artéria, revela uma certa organização espacial desta actividade, cujas oficinas estariam instaladas na parte superior da vertente deste monte, sensivelmente de meia encosta para cima, das quais conforme se verá, resultam os despejos cerâmicos que adiante trataremos. Por conseguinte, a primitiva vocação agrícola da área foi cedendo a uma crescente dinâmica comercial e industrial, centrada na produção oleira, registando-se a existência de prédios urbanos já no século XIV (Barros, 1999, p. 30), situação que se generalizará na centúria seguinte. No que respeita à comunidade humana radicada que, no mesmo espaço, vive e desenvolve a sua actividade, os registos de propriedade existentes indicam que ela era maioritariamente cristã (Oliveira e Viana, 1993, p. 199), existindo alguns muçulmanos que se dedicam à olaria e à ferraria, um outro tipo de industria relevante, sobretudo por estar junto a um importante eixo viário de acesso à cidade de Lisboa. Após o édito de expulsão de 1496, a documentação existente (registos de propriedade, tombos, etc.) testemunha um espaço cuja vocação comercial e industrial está estabelecida (Sebastian, 2010, p. 93-113), constituindo-se como um importante pólo económico da cidade de Lisboa.

2. METODOLOGIA

Esta intervenção realizou-se em dois momentos distintos: 1.ª fase, realização de sondagens de diagnóstico, entre Abril e Maio de 2004 (fig. 1); 2.ª fase, acompanhamento arqueológico, entre Novembro de 2006 e Maio de 2007. Na primeira abordagem abriram-se: uma sondagem arqueológica no patamar superior, correspondente aos antigos quintais dos edifícios demolidos e às traseiras da Rua das Olarias; quatro perfis/sondagens a meia encosta, onde devido às condições de instabilidade só foi possível fazer um reconhecimento estratigráfico da realidade arqueológica; e quatro sondagens no patamar inferior, junto à Rua do Benfornoso. A topografia do terreno, em especial a sua inclinação (cerca de 70°), sem contenção estrutural fiável, assim como a existência de um esgoto a céu aberto no lado sul, constituíram as principais condicionantes aos trabalhos arqueológicos.

Na segunda fase em que, *grosso modo*, se procedeu à desmontagem mecânica da encosta e à sua imediata consolidação, através da construção de muros de contenção em socalcos, apenas foi possível efectuar o acompanhamento presencial da remoção da estratigrafia detectada



1. Planta geral da intervenção de 2004.

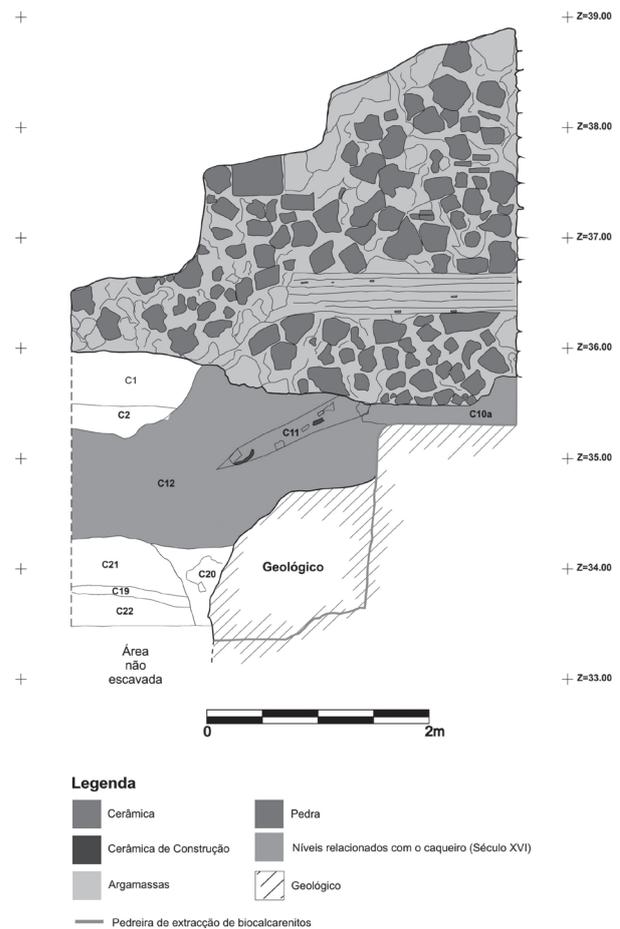
anteriormente. Metodologicamente, considerou-se a estratigrafia natural detectada e os diferentes contextos estruturais existentes, sendo que grande parte destes foram significativamente afectados pelas demolições nos anos 50 do século XX e pela exposição a que o terreno ficou então votado, provocando instabilidade que foi sendo pontualmente corrigida com a construção do paredão em betão que serviu de tardo ao armazém da funerária e com a colocação de pilhas de pneus a meia encosta.

3. A PEDREIRA

No patamar superior, na sequência da abertura da Sondagem 4, uma vez removida a camada superficial (igualmente com bastante material cerâmico, inclusivamente de produções bem mais recentes), caracterizada pela utilização agrícola do antigo quintal e os níveis inferiores decorrentes do caqueiro que adiante trataremos, à cota 34.15 m colocou-se a descoberto o afloramento rochoso, constatando-se durante a sua limpeza que se tratava de uma antiga exploração de rocha miocénica, com idade burdigaliana, da formação dos Calcários de Entrecampos (Banco Real), constituída por biocalcarenitos, com fracção detrítica abundante, ricamente composta por moldes e fragmentos de moluscos. A exposição do substrato geológico permitiu a observação de marcas de corte diagonais ao plano, que claramente indiciam a sua extracção em socalco, sendo visíveis os negativos do corte de silhares,



2. Aspecto do afloramento rochoso com marcas da extracção de pedra.



3. Perfil Norte da sondagem 4.

retirados da pedreira (fig. 2). Todavia não foi possível detectar qualquer nível arqueológico relacionado com a sua exploração.

Contudo, considerando o contexto arqueológico que encobriu esta realidade, datável dos séculos XV/XVI (fig. 3), pensamos que a extracção de rocha neste local terá ocorrido em época anterior ao século XIV, tendo como fim a utilização da rocha na indústria de construção de habitações, muralhas ou edifícios importantes de Lisboa, como por exemplo a Sé Catedral, ou mesmo qualquer edifício público romano. O facto da documentação medieval existente ser omissa acerca desta realidade, sugere uma possível antiguidade mais remota.

Com efeito, na cidade de Lisboa, em ambiente de intervenção arqueológica, até à data são escassos os vestígios de exploração de pedra, no entanto é certo que esta terá ocorrido em várias épocas. Há referências a uma pedreira na Sé e outra no Carmo, ainda que sem conhecimento exacto da localização (Oliveira, 1896, p. 181). Recentemente, aquando de uma intervenção arqueológica pelo Museu da Cidade em 2009, na Rua de São Miguel², identificaram-se vestígios de

2. Agradecemos aos Drs. Cristina Nozes e Rodrigo Banha.

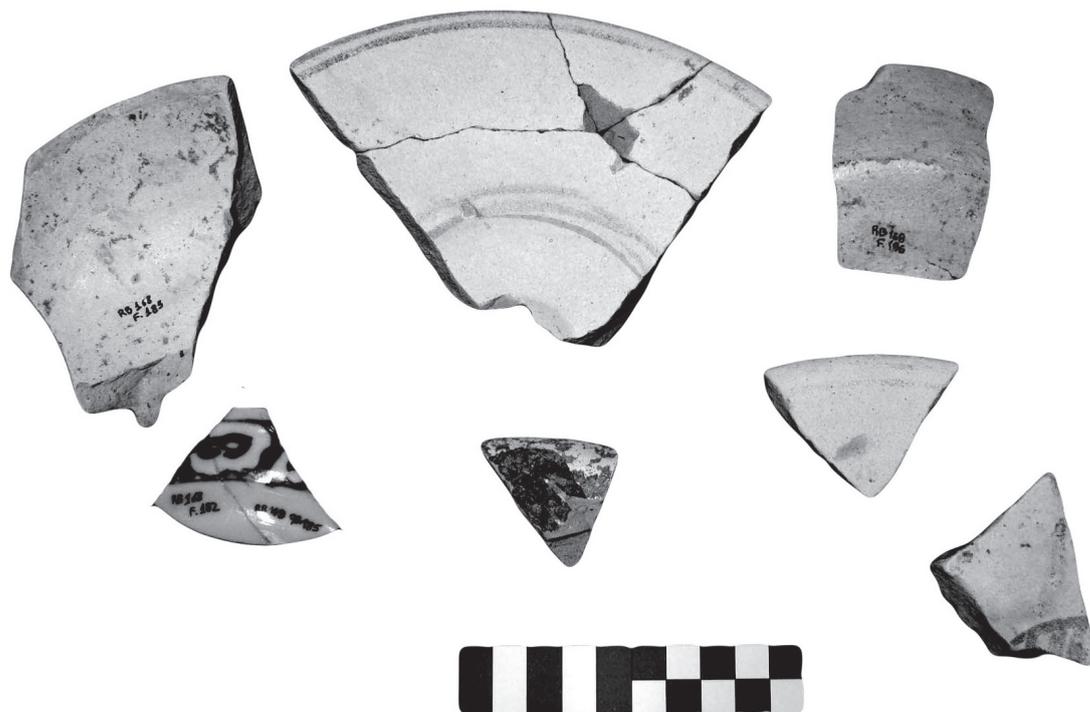
extracção de silhares, designadamente de um silhar abandonado no local sem que tivesse sido completamente destacado do afloramento, sendo também possível observar marcas de corte. Esta pedreira também explorava rocha da unidade dos “Calcários de Entre Campos”, tal como a pedreira da Rua do Benfornoso.

4. PRODUÇÃO OLEIRA

À semelhança da realidade anterior, sob os níveis de ocupação relacionados com o edificado oitocentista, designadamente os respectivos quintais (onde se desmontaram pequenas estruturas relacionadas com uma capoeira), a abertura da Sondagem 4 permitiu registar a existência de um depósito de restos de produção da indústria oleira, resultante da acumulação de sucessivos despejos provenientes das diferentes olarias existentes na área, em particular na Rua das Olarias. Neste conjunto salienta-se uma elevada quantidade de fragmentos cerâmicos de peças rejeitadas, trempes de diferentes tipologias, argilas rubefactas, jorra de vidro e outros resíduos. Por outro lado, detectaram-se outros contextos deposicionais intercalares (bolsas – tais como as C. 11, 13, etc.), relacionados com despejos pontuais, em geral resultantes de obras de

construção (argamassas, telhas, pregos, tijolos, etc.), mas também escassos despejos domésticos, nos quais foi possível recolher alguns elementos datantes, designadamente faianças malegueiras (fig. 4) semelhantes a produções do Sul de Espanha (Sevilha), mas também a outras, mais próximas, que recentemente têm sido relacionadas com a Mata da Machada (Carmona e Santos, 2005, p. 15) e com Coimbra (Sebastian, 2010, p. 82-83), apontando para cronologias entre os séculos XV e XVI, ainda que alguns materiais, em especial as produções modeladas, nos permitam avançar até ao século XVII.

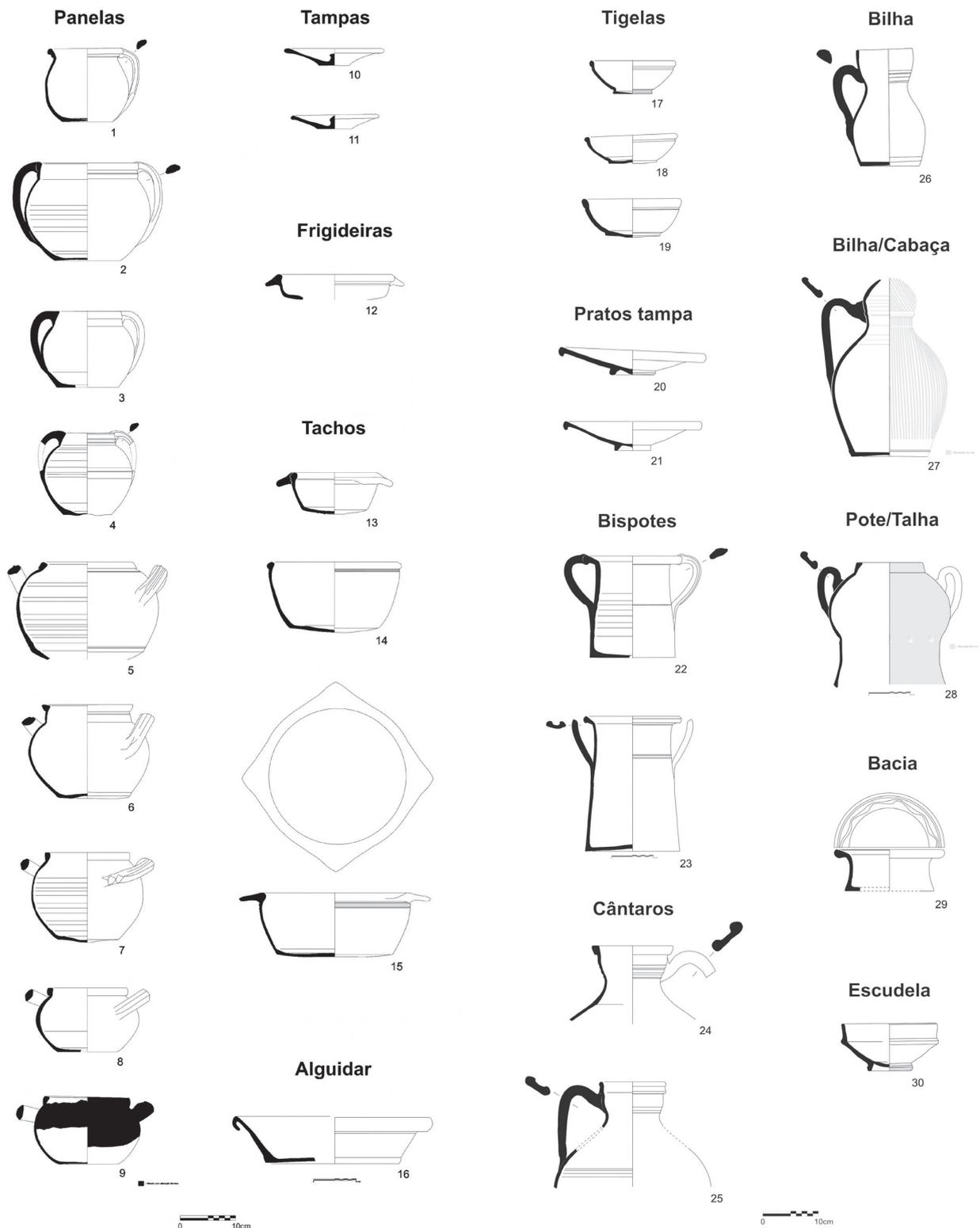
Conforme se pode observar na figura 3, a Camada 12 corresponde ao grande depósito de material cerâmico (Caqueiro), que se optou por repartir em níveis artificiais de 10 cm (Camadas 12a, 12b, etc.), permitindo-nos registar o ritmo e o sentido deposicional do material, constatando-se que entre o nível mais profundo (C.12r) e o nível mais superficial (C.12a), a produção de cerâmica vidrada foi ganhando maior expressão; num desses níveis (C.12o) recolheram-se dois ceitis, de D. Afonso V e de D. Manuel, o que também nos aponta para os séculos XV e XVI. A meia encosta, a abertura de Perfis (fig. 1) e o acompanhamento durante a 2.ª fase, confirmaram esta realidade arqueológica, permitindo



4. Fragmentos de cerâmica malegueira e porcelana, recolhidos em contextos intercalares do caqueiro.

assinalar um grande complexo deposicional relacionado com o caqueiro (Contextos 1A, 4, 5, 5A, 5B, 7), onde igualmente se recolheram outros dois ceitis (um dos quais de D. Manuel – Contexto 1A); e ainda outro contexto igualmente relevante, mas que devido às demolições perdeu a sua relação estrutural (Contexto 11 – igualmente repleto de restos de olaria), o qual nos parece relacionar-se com o antigo muro de contenção

do terreno, que se prolonga pelos quintais contíguos, sustentando os respectivos patamares intermédios. Ainda que não seja propósito deste artigo a apresentação integral do conjunto cerâmico exumado, de forma sistemática, para efeitos deste estudo preliminar consideraram-se três grupos distintos: cerâmica comum simples; cerâmica comum vidrada e cerâmicas finas. No que respeita à cerâmica comum simples, regista-se



5. Cerâmica comum simples.

6. Cerâmica comum simples e vidrada.

a ocorrência de múltiplas formas, com especial predominância de painéis, tachos, frigideiras (fig. 5) e tigelas (fig. 6), mas também de bilhas, cântaros, bispotes, fogareiros, tampas, etc., observando-se acabamentos de superfície diferentes, tais como o simples alisamento, a colocação de engobo, o brunido parcial ou mesmo decorativo (ex: fig. 6, n.º 27 e 28) ou utilitário (no caso da superfície interna do fundo dos tachos e frigideiras), sem que se observe uma grande profusão de decoração que, nas raras situações registadas, consiste apenas em linhas incisas (ex: fig. 6, n.º 29). Com menor expressão, sobretudo nos níveis inferiores, na cerâmica vidrada, total ou parcialmente, assinala-se a presença predominante de vários tons de verde, amarelo e melado, por vezes utilizados de forma combinada, especialmente em formas abertas, tais como escudelas (fig. 6), alguidares ou pratos, mas também em jarros ou bispotes. Em quantidade inferior, as cerâmicas finas (fig. 7) correspondem sobretudo a pequenos púcaros, tampas ou espedeiros, em geral feitos com uma pasta de argila mais fina e depurada, apresentando-se maioritariamente brunidos no exterior, parcial ou decorativamente, mas também decoradas com depressões e relevos, característicos das produções “modeladas” (ex: fig. 7, n.º 34). No primeiro grupo, existe um conjunto significativo de fragmentos

cujos revestimento exterior se assemelha a uma espécie de “aguada de vidrado” que confere um brilho metálico à peça, sem que exista uma camada de vidrado bem definida, como sucede nas cerâmicas vidradas; igualmente, distingue-se um outro conjunto relevante de peças cujo revestimento externo (por vezes também o interno), consiste numa espécie de aguada de argila laranja avermelhada aplicada sobre a superfície, solução esta que é quase comum a todo o material do terceiro grupo.

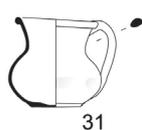
Durante a fase de tratamento do espólio cerâmico, foi-nos possível remontar peças cuja deformação terá sido a causa da sua rejeição, mas também outras em que claramente o processo de vidragem correu mal. Outras ainda foram sujeitas a sobre aquecimento e estalaram, ou ficaram rubefactas devido a acidentes técnicos. Em simultâneo, recolheram-se trempes de diversos tamanhos (fig. 8), algumas feitas em argila branca (as mais pequenas), mas sobretudo em argila corrente, quase sempre com vestígios de vidrado. De salientar que a grande maioria das peças apresenta uma coloração externa muito pouco homogénea, com várias tonalidades que por vezes oscilam entre duas cores, como o rosa / laranja, ou o laranja / vermelho, ao que bastantes vezes se associa a cor negra provocada pelo contacto com fumos.

Em termos de funcionalidade da produção, podemos concluir que as oficinas responsáveis pelo presente caqueiro estariam focadas na satisfação das necessidades básicas do quotidiano da Lisboa dos séculos XV e XVI, como se depreende da utilidade das formas identificadas, especialmente vocacionadas para uso de mesa, armazenamento e higiene. Em diversas escavações arqueológicas recentes, têm-se registado contextos coevos, onde se recolheram peças idênticas a muitas das que foram exumadas no presente contexto, designadamente na Rua dos Correeiros (Diogo e Trindade, 2000), Praça da Figueira (Silva e Guinote, 1998, p. 97-175), R. da Amendoeira 9-15³ ou mesmo noutros locais como a Mata da Machada (Carmona e Santos, 2005), a Ria de Aveiro (Alves, 1998), ou Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998), entre outros. Verifica-se, assim, uma relativa uniformização de formas, soluções e gostos a definir a cerâmica oleira deste período e a sua produção nos diferentes centros nacionais.

Considerando as habituais dificuldades logísticas relacionadas com a escavação integral de um caqueiro em ambiente urbano, apenas se exumou uma amostragem, tendo o restante contexto sido removido em acompanhamento arqueológico, conforme já referimos.

Cerâmicas finas e modeladas

Púcaros

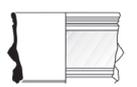


31

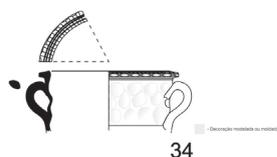


32

Boiões



33



34

Copo



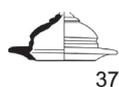
35

Espedreiro

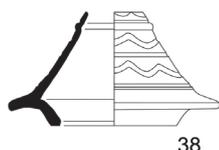


36

Tampas



37



38

7. Cerâmicas finas e modeladas.

3. Intervenção realizada pelo Dr. António Valongo em 2006, onde se identificou um forno cerâmico do século XV, com produções cerâmicas idênticas.



8. Trempes de várias dimensões recolhidas no contexto do caqueiro.

Todavia, a importância do conjunto justificou que se tivesse proposto à EPUL a realização de estudos arqueométricos que nos permitissem obter informações específicas que, uma vez determinadas e sistematizadas, nos possibilitassem o conhecimento dos centros produtores de matéria prima e dos locais de destino destas produções⁴.

Para efeito de análise, os fragmentos cerâmicos recolhidos foram agrupadas em sete grupos (definidos em função da cor, dimensão dos elementos não plásticos, mineralogia e acabamento), de entre os quais se escolheram 37 amostras que foram sujeitas a ensaios de Difractometria de raios-X (DRX), reduzidas a pó, para o estudo das fases cristalinas e a análise química por espectrometria fluorescência de raios-X em comprimento de onda (FRX), para determinação dos elementos constituintes⁵.

As análises de DRX revelaram semelhanças mineralógicas entre as pastas amostradas, demonstrando a existência de quartzo, feldspatos potássicos, plagioclases, e vestígios de filossilicatos, especialmente moscovite por vezes associada a biotite. Para além destes minerais principais distinguiu-se num grupo, a presença dos minerais associados a pastas calcíticas em fases de temperaturas elevadas, augite/diopsido e gehlenite e noutra a presença de mulite, característica de pastas feldspáticas cozidas a temperaturas superiores a 950° a 1000° C. Estes dois grupos, poderão indiciar uma origem de barreiro distinta da dos restantes cinco grupos que são predominante constituídos por minerais do tipo íltico ou ilitico-caulinítico, típicos das argilas locais da região de Lisboa, ao que não será alheia a existência nas imediações da unidade geológica das "Argilas do Forno do Tijolo" com *Pereiraia Gervaisi* (Almeida, 1986, folha 4),

4. Recentemente têm sido identificadas peças de olaria em locais como o Brasil e o Canadá que se suspeita serem de origem portuguesa.
5. Estudo realizado pelo Centro de Estudos de Arte e Arqueologia do Instituto Politécnico de Tomar, sob orientação do Prof. Dr. João Freitas Coroado

admitindo-se igualmente que os níveis geológicos siltosos, existentes neste espaço, fossem empregues nestas produções como desengordurantes.

No patamar inferior, contíguo à Rua do Benfornoso, após a remoção dos contextos relacionados com os vestígios de uma oficina de metalurgia na Sondagem 3, surgiu uma estrutura negativa, implantada no afloramento rochoso (fig. 9), muito bem talhada, na qual se constatou existirem duas fases evolutivas: um primeiro momento em que a estrutura foi circular, com um raio de aproximadamente 1.60 m; posteriormente a estrutura passou a ser ovalada (com de 3.10 m de extensão máxima) e mais profunda, implicando a construção de dois muros nos lados Sul e Oeste, em pedra com ligante de argila e uma face rebocada com argamassa alaranjada, rica em nódulos de cal. No enchimento relacionado com esta alteração (Camada 11b – fig. 10) recolheram-se materiais cerâmicos idênticos aos recolhidos no caqueiro e ainda um ceitel de D. Manuel, o que nos leva a crer que esta alteração corresponda a uma segunda fase da utilização deste espaço, já no século XVI, com vista à recepção e preparação das argilas para posterior uso na indústria oleira, beneficiando igualmente da abundância de águas nesta zona, junto à Ribeira de Arroios, que mantém o seu carácter agrícola. Parece-nos que esta estrutura corresponda a um amassador, ou local para tratar a argila antes da moldagem, ou a um possível reservatório. Apesar dos escassos trabalhos arqueológicos em unidades desta natureza, situações similares foram registadas no Norte de África (Amigues, 2002, p. 183-184) e em Espanha (Mesquida Garcia, 1995, p. 234).

4.1 Catálogo

Tal como já referimos, não é intenção deste artigo apresentar a globalidade do estudo que se pretende realizar, mas cuja sistematização é ainda uma intenção, porquanto não foi ainda viável tratar a totalidade do espólio recolhido. Contudo, sendo-nos possível desde já apresentar algumas informações que julgamos pertinentes e úteis, parece-nos adequado apresentar algumas das formas mais frequentemente identificadas, ou que nos parecem mais relevantes para o conhecimento do material cerâmico utilizado na cidade de Lisboa entre os séculos XV e XVI.

Panelas (fig. 5)

1 – Pasta laranja clara, com superfície alisada, cuja coloração oscila entre o rosa e o laranja claro. Alt. – 13cm; diâmetro bordo – 13cm; diâmetro fundo – 9cm; diâmetro máximo – 15cm. Proveniência – Perfil 1 / Camada 3. N.º Inv. RB168.CC2057.



9. Vista do amassador.

2 – Pasta laranja, com superfície alisada da mesma cor. Alt. – 18 cm; diâmetro bordo – 18cm; diâmetro fundo – 12cm; diâmetro máximo – 23 cm. Proveniência – Perfil 1 / Camada 3. N.º Inv. RB168.CC1362.

3 – Pasta laranja clara, com superfície alisada, cuja coloração consiste em vários tons de laranja. Alt. – 14cm; diâmetro bordo – 12cm; diâmetro fundo – 11.5cm; diâmetro máximo – 16.5cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5A. N.º Inv. RB168.NP0022.

4 – Pasta vermelha alaranjada, alisada no exterior, cuja coloração oscila entre aquelas cores, contudo numa das faces apresenta-se negra por contaminação de fumos. Alt. – 15cm; diâmetro bordo – 10cm; diâmetro fundo – 8.5cm; diâmetro máximo – 16cm. Proveniência – Sondagem 4 / Camada 12d. N.º Inv. RB168.CC3911.

5 – Pasta laranja com superfície externa alisada, com a mesma coloração relativamente homogênea. Incompleta, não se recuperou o fundo. Alt. – 17.5cm; diâmetro bordo – 16.5cm; diâmetro máximo – 25.5cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 11. N.º Inv. RB168.NP0032.

6 – Pasta vermelha alaranjada, alisada no exterior com a mesma coloração, está revestida com “aguada de vidro”. Alt. – 17cm; diâmetro bordo – 16cm; diâmetro fundo – 13cm; diâmetro máximo – 21.5cm. Proveniência – Sondagem 4 / Camada 12e. N.º Inv. RB168.CC2723.

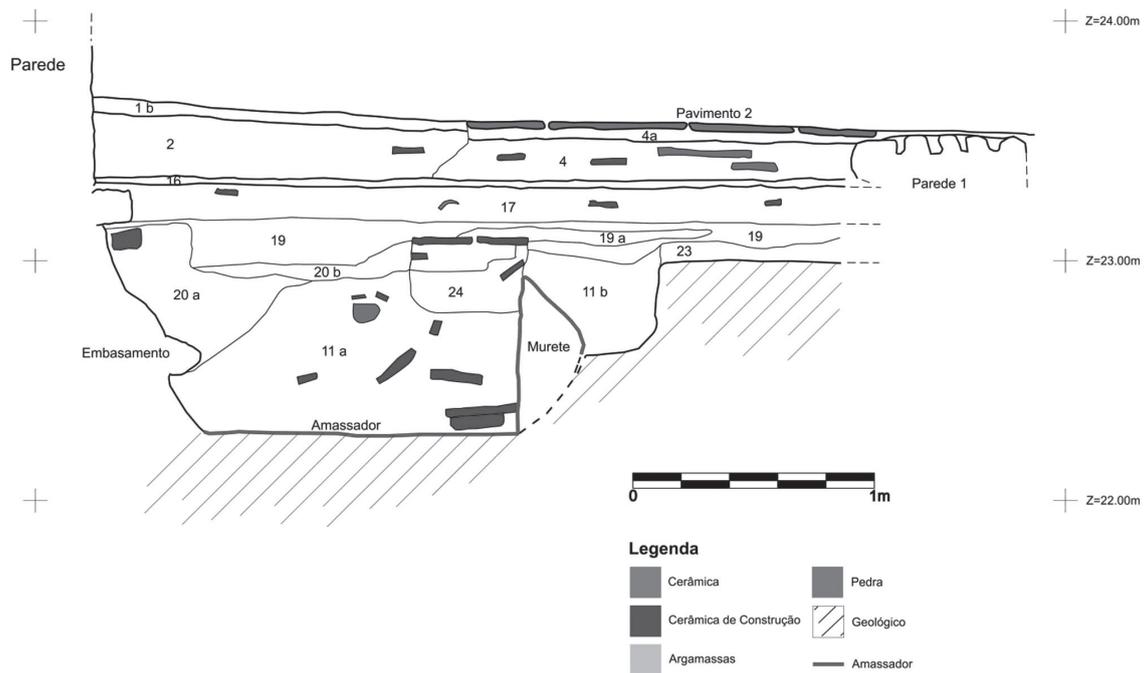
7 – Pasta laranja, alisada no exterior, com a mesma coloração, revestida com “aguada de vidro”. Alt. – 16.5cm; diâmetro bordo – 15cm; diâmetro fundo – 15.5cm; diâmetro máximo – 20.5cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5A. N.º Inv. RB168.NP0023.

8 – Pasta laranja clara, alisada no exterior, mantendo a mesma coloração porém matizada. Alt. – 11.5cm; diâmetro bordo – 14cm; diâmetro fundo – 11cm; diâmetro máximo – 19cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.NP0015.

9 – Pasta laranja rosada, cujas superfícies (em especial a externa) estão recobertas por jorra de vidro, com uma camada por vezes bastante espessa. Alt. – 12.5cm; diâmetro bordo – 15cm; diâmetro fundo – 10cm; diâmetro máximo – 19.5cm. Proveniência – Perfil 1 / Camada 3. N.º Inv. RB168.CC2011.

Tampas (fig. 5)

10 – Pasta laranja rosada, alisada em ambas as faces, mantendo a mesma coloração. Alt. – 3cm; diâmetro bordo – 17.5cm; diâmetro base – 5.5cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.NP0006.



10. Perfil Sul da sondagem 3.

11 – Pasta laranja, alisada em ambas as faces, mantendo a mesma coloração. A peça está deformada. Alt. – 2.5cm; diâmetro bordo – 15cm; diâmetro base – 6.5cm. Proveniência – 2.^a Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.NP0009.

Frigideira (fig. 5)

12 – Pasta laranja escura, coberta com aguada de argila vermelha alaranjada em ambas as faces, contudo o lado interno do fundo apresenta-se brunido. Alt. – 4.5cm; diâmetro bordo – 21cm; diâmetro fundo – 19.5cm. Proveniência – 2.^a Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.NP0013.

Tachos (fig. 5)

13 – Pasta laranja, coberta com aguada de argila vermelha alaranjada em ambas as faces, contudo o lado interno do fundo apresenta-se brunido. Alt. – 7.5cm; diâmetro bordo – 16cm; diâmetro fundo – 11.5cm. Proveniência – Sondagem 4 / Camada 12d. N.º Inv. RB168.CC3922.

14 – Pasta laranja, coberta com aguada de argila vermelha alaranjada em ambas as faces, contudo o lado interno do fundo apresenta-se brunido. Alt. – 12.5cm;

diâmetro bordo – 23cm; diâmetro fundo – 16.5cm. Proveniência – 2.^a Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.NP0018.

15 – Pasta bege, coberta com “aguada de argila” vermelha alaranjada em ambas as faces, contudo o lado interno do fundo apresenta-se brunido. De referir a particularidade desta peça apresentar 4 pegas triangulares, ainda que só se tenham recuperado 3. Alt. – 11.5cm; diâmetro bordo – 26cm; diâmetro fundo – 21cm. Proveniência – 2.^a Fase / Contexto 1A. N.º Inv. RB168.CC4690.

Alguidar (fig. 5)

16 – Pasta laranja, alisada no exterior, no interior a totalidade da superfície apresenta-se engobada e brunida. Alt. – 11cm; diâmetro bordo – 44.5cm; diâmetro fundo – 30.5cm. Proveniência – Perfil 1 / Camada 3. N.º Inv. RB168.CC1204.

Tigelas (fig. 6)

17 – Pasta laranja, alisada em ambas as faces com “aguada de argila” laranja avermelhada. Alt. – 6cm; diâmetro bordo – 15cm; diâmetro fundo – 7cm. Proveniência – 2.^a

Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.NP0010.

18 – Pasta laranja, alisada em ambas as faces com “aguada de argila” laranja avermelhada. Alt. – 5,5cm; diâmetro bordo – 17cm; diâmetro fundo – 9cm. Proveniência – Sondagem 4 / Camada 12d. N.º Inv. RB168.CC3711.

19 – Pasta laranja, alisada em ambas as faces sobre “aguada de argila” laranja avermelhada. Alt. – 7cm; diâmetro bordo – 17cm; diâmetro fundo – 9,5cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.NP0016.

Pratos/tampa (fig. 6)

20 – Peça visivelmente deformada, com pasta laranja clara, alisada no exterior e com engobo laranja brunido na face interna; apresenta sinais de contacto com fumos. Alt. – 4,5cm; diâmetro bordo – 25,5cm; diâmetro fundo – 8cm. Proveniência – Perfil 1 / Camada 3. N.º Inv. RB168.CC1999.

21 – Pasta laranja, alisada no exterior, com engobo laranja no interior brunido; apresenta sinais de contacto com fumos. Alt. – 5,5cm; diâmetro bordo – 24cm; diâmetro fundo – 6,5cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.NP0012.

Bispotes (fig. 6)

22 – Pasta laranja alisada no exterior mantendo a mesma coloração mas matizada. Alt. – 18,5cm; diâmetro bordo – 16,5cm; diâmetro fundo – 15cm. Proveniência – 2ª Fase / Contexto 11. N.º Inv. RB168.NP0031.

23 – Pasta laranja, alisada no exterior, cuja coloração oscila entre o laranja escuro e o castanho rosado. Alt. – 32,5cm; diâmetro bordo – 22cm; diâmetro fundo – 22,5cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.NP0019.

Cântaros (fig. 6)

24 – Pasta laranja, cuja superfície interna recebeu uma “aguada de argila”, no exterior apresenta o brilho metálico da “aguada de vidro”, contudo esta peça apresenta em ambas as faces concreções de jorra de vidro. Alt. – 14,5cm; diâmetro bordo – 14,5cm. Proveniência – Perfil 1 / Camada 3. N.º Inv. RB168.CC2004.

25 – Pasta laranja, alisada no exterior, com uma coloração que oscila entre o laranja e o rosa, também apresenta o brilho característico da “aguada de vidro”. Alt. – 19cm; diâmetro bordo – 11,5cm; diâmetro bojo – 18,5cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 1A. N.º Inv. RB168.CC4693.

Bilha (fig. 6)

26 – Pasta bege, alisada, coberta com “aguada de argila” de cor rosada matizada, na superfície externa e parcialmente na interna. Alt. – 21,5cm; diâmetro bordo – 10cm; diâmetro fundo – 10,5cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 4. N.º Inv. RB168.CC. 959.

Bilha / cabaça (fig. 6)

27 – Pasta laranja, engobada no exterior com decoração brunida, mantendo a mesma tonalidade; a peça está praticamente completa, só falta o bordo. Alt. – 32,5cm; diâmetro superior – 4cm; diâmetro máximo – 21cm; diâmetro fundo – 14cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.CC958.

Pote / talha (fig. 6)

28 – Pasta laranja acastanhada, no exterior possui um engobo laranja avermelhado brunido com duas orientações distintas (*vide* desenho), na parte inferior está decorada com depressões digitadas; a peça está quase completa, falta o fundo. Alt. – 29cm; diâmetro bordo – 16cm; diâmetro máximo (bojo) – 29,5cm. Proveniência – Perfil 1 / Camada 3. N.º Inv. RB168.CC2171.

Bacia (fig. 6)

29 – Pasta laranja, alisada com “aguada de argila” laranja avermelhada em ambas as faces; na aba do bordo apresenta uma linha ondulante incisa. Alt. – 7,5cm; diâmetro bordo – 19cm; diâmetro intermédio – 14cm; diâmetro fundo – 16cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5A. N.º Inv. RB168.NP0024.

Escudela (fig. 6)

30 – Pasta laranja, coberta com vidro de cor castanha melada matizada, em ambas as faces. Alt. – 8,5cm; diâmetro bordo – 17,5cm; diâmetro fundo – 7,5cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168. CC. 957.

CERÂMICAS FINAS E MODELADAS (FIG. 7)

Púcaro

31 – Pasta laranja, alisada no exterior com uma tonalidade que varia entre o laranja e o rosa escuro acastanhado; no bojo está decorada com depressões digitadas. Alt. – 8cm; diâmetro bordo – 7cm; diâmetro bojo – 8,5cm; diâmetro fundo – 4,5cm. Proveniência – 2.ª

Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.NP0007.

32 – Pasta laranja, alisada com “aguada de argila” laranja avermelhada na superfície externa, no colo apresenta decoração digitada. Alt. – 4.5cm; diâmetro bordo – 12.5cm; diâmetro colo – 11cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 1A. N.º Inv. RB168.CC4797.

Boiões

33 – Pasta laranja, alisada no exterior com “aguada de argila” laranja avermelhada, decorada com caneluras oblíquas; a peça apresenta apenas o arranque do fundo. Alt. – 6.5cm; diâmetro bordo – 10cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5. N.º Inv. RB168.NP0011.

34 – Pasta bege alaranjada, o exterior não tem tratamento, apenas alguns raros pingos de “aguada de argila” laranja avermelhada, sendo visível uma decoração profusa de linhas incisadas no bordo com depressões digitadas do interior para o exterior; a peça não possui fundo. Alt. – 5.5cm; diâmetro bordo – 11.5cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 5A. N.º Inv. RB168.NP0021.

Copo

35 – Pasta laranja clara, alisada no exterior que ostenta o brilho de “aguada de vidro”, conferindo-lhe um tom acastanhado, na face interna está revestida com “aguada de argila” laranja avermelhada. Alt. – 7.5cm; diâmetro bordo – 7.5cm; diâmetro bojo – 8cm; diâmetro fundo – 6cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 4. N.º Inv. RB168.NP0003.

Especieiro

36 – Pasta laranja, alisada em ambas as faces. Alt. – 2cm; diâmetro bordo – 7cm; diâmetro fundo – 3cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 11. N.º Inv. RB168.NP0028.

Tampas

37 – Pasta laranja, alisada, revestida no lado externo com “aguada de argila” laranja avermelhada; não possui o remate superior. Alt. – 4.5cm; diâmetro máximo – 10.5cm; diâmetro base (encaixe) – 7cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 11. N.º Inv. RB168.NP0027.

38 – Pasta laranja, alisada em ambas as faces, contudo no exterior foi revestida com “aguada de argila” laranja, tendo sido decorada com linhas incisadas ondulantes; além de incompleta a peça está visivelmente deformada na zona do encaixe. Alt. – 11.5cm; diâmetro máximo – 19cm; diâmetro base (encaixe) – 12cm. Proveniência – 2.ª Fase / Contexto 11. N.º Inv. RB168.NP0030.

5. PEQUENA OFICINA METALÚRGICA

Junto à Rua do Benfornoso, com a abertura da Sondagem 3, sob os níveis oitocentistas (relativos à construção e reparações posteriores do edificado, bastante alterado pelas demolições de 1958) e novecentistas (decorrentes sobretudo da utilização que o espaço teve durante a segunda metade do século XX), detectou-se um contexto relacionado com o funcionamento de uma pequena unidade manufactureira metalúrgica, que terá funcionado neste espaço entre os finais do século XVII e o século XVIII. Com esta realidade relaciona-se a enorme quantidade de resíduos exumados, designadamente escórias e limalhas de ferro, muitos pregos, feraduras, balas de canhão (fig. 11), vários pavimentos de terra batida com bastantes resíduos ferruginosos (num dos quais foi encontrada uma moeda de 1,5 reais, de 1703 – Camada 8), uma calçada (fig. 12) e ainda algumas estruturas negativas, incluindo buracos de poste, implantadas no substrato geológico. Tudo parece indicar que a área intervencionada corresponde a um espaço ao ar livre, onde existiriam estruturas leves, perecíveis e pouco intrusivas, designadamente telheiros.



11. Pelouros, cabos de faca e prego recuperados nos contextos da oficina.



12. Perspectiva da calçada pertencente à oficina.

6. CONCLUSÕES

A intervenção arqueológica na Rua do Benfornoso permitiu observar a forma como este espaço se foi integrando no contexto urbano de Lisboa. Inicialmente, terá funcionado como arrabalde económico da cidade – espaço agrícola e de extracção de pedra. A partir do século XV, terá dado lugar a um relevante pólo económico, especialmente vocacionado para a produção e comercialização de olaria, que se foi con-

solidando urbanisticamente com a cidade, através da definição de arruamentos, onde a par com as oficinas de olaria, foram surgindo habitações e pequenas lojas, culminando na malha urbana existente. A proximidade com uma importante via fósil de acesso à cidade estimulou essa dinâmica, promovendo a diversidade, designadamente a presença de pequenas oficinas metalúrgicas que, seguramente, davam apoio à movimentação viária.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, F. M. (1986) – *Carta Geológica do Concelho de Lisboa na Escala 1:10.000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

ALVES, F. et al. (1998) – A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV *Ria de Aveiro A* e da zona *Ria de Aveiro B*. Aproximação tipológica preliminar. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela : Câmara Municipal, p. 185-210.

AMIGUES, F. (2002) – Technique de fabrication de la céramique valencienne. In *Le calife, le prince et le potier*. Lyon: Musée des Beaux-Arts ; Réunion des Musées Nationaux, p. 179-197. Catálogo.

BARROS, M. (1999) – Rua de Benfica da Mouraria (actual Rua do Benfornoso) Sécs. XIV – XVI. *Olisipo*. Lisboa. S. 2, 8, p. 28-38.

CARMONA, R. e SANTOS, C. (2005) – *Olaria da Mata da Machada Cerâmicas dos Séculos XV-XVI*, Barreiro: Câmara Municipal.

DIOGO, A. e TRINDADE, L. (2000) – Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3, p. 201-235.

FERNANDES, I. e CARVALHO, A. – Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 211-255.

MESQUIDA, G. (1995) – Un pueblo alfarero medieval: Paterna (Valência) estudio etno-arqueológico y documental. In *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 229-245.

OLIVEIRA, E. (1896) – *Elementos para a História do Município de Lisboa*, vol. 8, Lisboa: Câmara Municipal.

OLIVEIRA, L. e VIANA, M. (1993) – A Mouraria de Lisboa no Século XV. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 191-209.

SEBASTIAN, L. (2010) – *A produção oleira de faiança em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*. Dissertação final de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SILVA, R. e GUINOTE, P. (1998) – *O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos*. Lisboa: G.T.M.E. Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.